

# A VOZ DA REVOLUÇÃO

N.º 2

ÓRGÃO OFICIAL DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO)

JULHO 1971



## comunicado de guerra

A luta armada de libertação do povo Moçambicano, sob a direcção da FRELIMO, prossegue com grandes sucessos nas Províncias do Niassa, Cabo Delgado e Tete.

### PROVINCIA DE TETE

Os guerrilheiros da FRELIMO desenvolvem a sua acção em toda a Província de Tete, a Norte como a Sul do rio Zambeze. As operações de sabotagem, emboscadas e ataques contra postos portugueses são quase diários. No passado mês de Maio duas dessas operações, que tiveram lugar na estrada entre Tete e Cahora Bassa, resultaram na captura de importantíssimo material que estava a ser levado para Cahora Bassa; na captura de um português; e na destruição de vários carros inimigos juntamente com os soldados portugueses que neles seguiam.

O material capturado seguia num carro marca «Peugeot» com a matrícula MBE 45-28, e incluía:

1. Oito pastas contendo documentos valiosíssimos para os portugueses — planos para a construção da Barragem;
2. Muito equipamento de precisão, que se destinava a ser usado nas várias fases do projecto.

O soldado português que foi capturado chama-se José Lopes. Ele vinha num camião marca «Mercedes Benz» com a matrícula MMB 44-04, que pertencia à Companhia que fornece combustível ao campo de aviação de Chitima, o qual é uma base aérea para defesa de Cahora Bassa. O carro era conduzido por um português, que seguia com 3 africanos como ajudantes. Todos eles foram levados para uma das bases da FRELIMO e o carro foi incendiado.

### "AUTONOMIA"—NOVA MANOBRA

Os colonialistas portugueses estão completamente desmoralizados. Com o progresso da luta de libertação em Moçambique, Angola e Guiné, eles já não sabem o que há-de fazer. Principalmente em Moçambique, o desespero dos portugueses é imenso. Tentaram a grande ofensiva no ano passado: foram esmagados pela FRELIMO. Tentaram fortificar o rio Zambeze para impedir o nosso avanço: mas nós avançamos e atacamos os postos inimigos do outro lado do rio. Então, o inimigo tentou mais uma manobra: foi aquilo a que ele chamou «autonomias». No discurso que fez na Assembleia Nacional em Lisboa no mês de Dezembro passado, Marcelo Caetano declarou que o seu Governo estava a pensar em dar mais «autonomias» a Moçambique, Angola e Guiné. E que para isso ia apresentar propostas de alteração da Constituição Portuguesa: nestas propostas as três «Províncias» — como ele disse — receberiam mais autonomia.

Esta manobra tem dois objectivos: por um lado, enganar e confundir o mundo exterior. Portugal é hoje condenado em toda a parte por causa da sua política colonialista. Mesmo os países seus aliados como a Inglaterra, os Estados Unidos da América, a Alemanha Ocidental, a França — mesmo esses dizem ao Governo Português que prefeririam ver Portugal explorar Moçambique, Angola e o Guiné sob uma forma diferente da forma colonial, que é já antiquada e provoca muita oposição no mundo. Assim, o Caetano pretende atender a essas preocupações dos seus amigos. Ele dirá: «Não, eu não sou colonialista, pois se eu até estou a dar autonomia aos territórios Africanos?» E assim, muita gente noutros países que não

compreender a manobra, pode deixar-se enganar e pensar que o Caetano de facto está a mudar de política.

Mas o Caetano quer também, com esta medida, confundir e enganar os nossos próprios povos. Quem não analise bem o conteúdo destas transformações e não conheça a natureza e a essência do colonialismo, pode convencer-se de que o governo Português está de boa fé e está a criar condições para a nossa independência. E assim, esse Moçambicano, ou Guineense, ou Angolano, em vez de juntar-se ao movimento de libertação, fiará à espera que o Governo Português lhe dê a independência. Desta maneira pretende Caetano e o seu grupo aliar muitos nacionalistas da luta de libertação.

A FRELIMO denunciou já esta nova manobra do colonialismo português. Explicamos ao nosso povo que a única coisa que o Caetano quer, através da chamada autonomia, é explorar mais facilmente o nosso povo e as nossas riquezas, dando mais poder aos órgãos da colónia, e dessa maneira ficando ele, Caetano, menos sobrecarregado com os trabalhos da administração colonial. Aliás, o próprio Marcelo Caetano declarou que essa autonomia de que fala não visa de maneira nenhuma conduzir à independência dos nossos países. Portanto, mesmo que houvesse ainda qualquer dúvida entre nós, a explicação do Caetano basta para a esclarecer.

E seja como for: nós não lutamos para sermos autónomos, para ganharmos mais alguns direitos mas continuando submetidos a Portugal. Não estamos a dar o nosso sangue para continuarmos «portugueses.» Não: nós lutamos para a conquista da nossa INDEPENDENCIA COMPLETA E INCONDICIONAL, para sermos nós próprios e eleger os nossos dirigentes, a escolher o tipo de sociedade que queremos, a dirigir os nossos destinos. Para poderemos afirmar a nossa identidade como Moçambicanos, cidadãos de um país Africano, livre e independente.

Por isso, continuamos a lutar, sem nos deixarmos enganar pelas manobras do inimigo, sempre alerta e vigilantes. A vitória final já não tarda muito.

INDEPENDENCIA OU MORTE,  
VENCEREMOS!

## NACÕES UNIDAS: encontro com a FRELIMO

No passado mês de Maio uma delegação da FRELIMO teve um encontro com o Comité Especial para a Aplicação da Resolução das Nações Unidas sobre a Descolonização.

O camarada Joaquim Chissano, que chefiava a nossa delegação explicou ao Comité das Nações Unidas o desenvolvimento da nossa luta de libertação, salientando o alto nível político do nosso povo e combatentes e consequentes vitórias militares, o crescimento e consolidação das estruturas da FRELIMO nas zonas libertadas, a monumental derrota da grande ofensiva portuguesa, e os nossos inensos sucessos no campo da reconstrução nacional. O camarada Chissano denunciou o apoio que os países da NATO fornecem a Portugal, dando exemplos concretos de aviões, barcos, material militar diverso e fundos que esses países enviam para Portugal e que estão a ser usados na

guerra contra os nossos povos — em desafio da resolução das Nações Unidas que proíbe o fornecimento de armas ao governo colonialista Português. O representante da FRELIMO referiu-se também ao aumento do apoio internacional para com a nossa luta — em Portugal mesmo e em outros países através do mundo.

Sobre a acção das Nações Unidas na luta contra o colonialismo, a delegação da FRELIMO sugeriu métodos de acção mais directos e eficazes, que ultrapassem as simples condenações no papel. A FRELIMO convidou uma delegação das Nações Unidas a visitar as nossas zonas libertadas para se inteirar da nova realidade Moçambicana.

No final de reunião, o chefe do Comité das Nações Unidas agradeceu a nossa exposição, felicitou-nos pelos nossos sucessos e declarou que, o simples facto de a FRELIMO ser capaz de dirigir um convite à Organização das Nações Unidas para visitar as zonas libertadas é sinal seguro do nosso controle e do desenvolvimento da nossa luta.

## DELEGACÃO DA FRELIMO VISITA GUINE BISSAU

No âmbito da colaboração dentro da C.O.N.C.P., uma delegação da FRELIMO composta dos camaradas Oscar Monteiro e Anselmo Anavia estiveram recentemente em visita às regiões libertadas da Guiné Bissau, a convite do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (P.A.I.G.C.)

No relatório que apresentaram ao Comité Executivo a quando do seu regresso, os nossos camaradas declararam-se muito entusiasmados pelo nível de desenvolvimento da luta de libertação naquele país irmão, onde 2/3 do território estão já sob controle do PAIGC. A delegação da FRELIMO visitou bases militares, escolas, hos-

pitais, campos de produção, lojas do povo, e teve ocasião de trocar experiências da luta com os responsáveis do PAIGC.

A luta dos povos da Guiné, Moçambique e Angola, dirigidos pelos respectivos partidos — PAIGC, FRELIMO e MPLA — é uma e a mesma luta. Esta unidade deriva do facto de o nosso inimigo ser o mesmo — o colonialismo português e o imperialismo; e principalmente, porque os nossos objectivos são idênticos: a liquidação total do colonialismo nos nossos países e o estabelecimento de regimes populares, onde o poder pertença verdadeiramente ao povo. A nossa cooperação é portanto natural e necessária.

A delegação da FRELIMO com quadros do PAIGC



## A VIDA NAS REGIÕES LIBERTADAS

A nossa luta avança, expande-se, consolida-se. Começamos a luta armada de libertação nacional em Setembro de 1964. Pouco tempo depois começamos a ter as nossas zonas libertadas. Hoje, as Províncias de Cabo Delgado e Niassa, e a região de Tete a norte do rio Zambeze, estão sob o controle da FRELIMO.

Esta situação, como não podia deixar de ser, determina muitas mudanças. Muitas perguntas nos têm sido feitas. Quando os nossos militantes vão mobilizar e organizar o povo numa zona onde a luta armada não começou ainda, o povo pergunta: «Como é a vida nas regiões libertas? Há alguma diferença grande? Nós só conhecemos a vida de escravos que os colonialistas Portugueses nos fazem sofrer, não conhecemos nenhum outro modo de vida. Como vive o nosso povo nas zonas da FRELIMO?»

Para podermos dar uma resposta clara a estas perguntas, temos de ir um pouco atrás, ao momento em que a FRELIMO foi formada. No acto da criação da FRELIMO, foi solenemente declarado que o objectivo final da nossa luta é a criação duma sociedade nova, onde não seja possível a exploração, onde todos os homens sejam iguais e com iguais direitos ao progresso económico e social. E foi também explicado que essa sociedade nova não pode ser construída enquanto o colonialismo português continuar a existir na nossa terra. E que portanto, como primeiro passo para o nosso objectivo final, temos de conquistar a nossa independência aos portugueses. Assim, a independência é um passo necessário para construirmos um Moçambique tal como o nosso povo o quer — moderno, orientado para o progresso económico e social, onde reine completa justiça e igualdade.

É por isso que nós temos de lutar com armas na mão: para destruímos o colonialismo português, e conquistarmos o poder político, que passará a pertencer ao povo Moçambicano e não mais ao Governo Português. Uma vez conquistado esse poder político, começamos então a tarefa da construção da sociedade nova. E é precisamente isto o que estamos a fazer. À medida que expulsamos os portugueses duma região, iniciamos imediatamente aí o trabalho de reconstrução nacional. Não temos que esperar que todo o nosso país esteja independente: começamos já a criar condições de vida nova para o nosso povo, fazer o povo conhecer e gozar desde já os frutos da revolução. Assim é que nas zonas que vão sendo sucessivamente libertadas nós abrimos escolas, estabelecemos hospitais, organizamos a produção agrícola, sendo todas estas e outras actividades dirigidas pelo próprio povo.

**Mas quais são as diferenças fundamentais entre a situação nas zonas da FRELIMO e a situação nas zonas dos colonialistas?**

São muitas, e absolutamente claras para todos. Por exemplo, ainda hoje os colonialistas em certas zonas quando viajam no mar são carregados nas costas de Moçambicanos, nas machilas. E não vai só o colonialista — ele carrega consigo a comida, panelas, trouxas — tudo isto os Moçambicanos têm de carregar nas suas costas, para comodidade do patrão. E se o moçambicano não

aguenta, dá sinais de estar cansado, é chicoteado no próprio lugar. E não são distâncias de alguns metros ou quilómetros — são centenas de quilómetros com o colonialista às costas. Ao fim do dia, o carregador moçambicano recebe como alimentação só um pouco de farinha, e muitas vezes é chicoteado por não ter andado tão depressa como o patrão queria. Isto é humilhação extrema que os nossos irmãos têm de suportar.

**Pois bem, isto acabou nas zonas da FRELIMO. Não há machilas, não há patrões, não há ninguém que oprima outra pessoa.**

Outra diferença importante diz respeito ao imposto. Não há nenhum moçambicano que, sob o regime colonial, não tenha sofrido por causa de impostos. Todos sabemos como os portugueses agem: eles fixam impostos muito altos, que sabem que os Moçambicanos não podem pagar, porque não têm meios para isso. Então os colonialistas prendem os Moçambicanos e obrigam-nos ao trabalho forçado, dizendo que o trabalho é para pagar o imposto. Os nossos irmãos são obrigados a trabalhar três meses, seis meses sem receber absolutamente nenhum dinheiro: no fim dos 6 meses o administrador dá um papel, dizendo que já pagou o imposto. Além das palmatórias e chicotadas que quase todo o moçambicano sofre por não ter podido pagar esse imposto.

**Nas nossas zonas, onde a FRELIMO governa, isto acabou também: já não há nem sequer vestígios da exploração do homem pelo homem. Em certas zonas as populações há quase 7 anos não pagam imposto. Não há palmatória, nem chicote, nem administrador, nem cipaios.**

Outra diferença diz respeito à repressão policial. Nas zonas controladas pelos portugueses está agora mais acentuada ainda essa repressão — PIDE está furioso, como uma cobra que foi provocada, com os seus agentes em toda a parte, prendendo, torturando e matando indiscriminadamente todo o Moçambicano que eles suspeitam de ter ideias nacionalistas. Não se pode falar, nas zonas dos colonialistas há uma desconfiança total, o melhor amigo pode ser um PIDE e denunciar. Existe assim um clima de terror a que ninguém pode escapar. E as torturas são terríveis nas prisões: desde a pancada — forma mais simples — até ao isolamento, à chamada ginástica, queimaduras, e outras formas. Nas zonas da FRELIMO, quando algum PIDE tenta infiltrar-se, é liquidado pelo povo imediatamente. Não há prisões, nem palmatória, nem torturas. Reina um clima de completa confiança e fraternidade.

Estas são apenas algumas das diferenças que se notam já nas zonas da FRELIMO em relação às zonas ainda dos colonialistas. Muitas mais diferenças há. Mas a situação que caracterizamos aqui, embora de maneira incompleta, é já suficiente para nos fazer compreender as vantagens da Revolução, os frutos que a Revolução já está a trazer para o nosso povo. Portanto, camaradas, vamos intensificar e estender a luta para novas zonas, a fim de permitir que uma parte cada vez maior do nosso povo goze dos benefícios da Revolução.

A LUTA CONTINUA.

## Josina tu não morreste

Josina tu não morreste porque assumimos as tuas preocupações e elas vivem em mim.

Não morreste porque os interesses fundamentais que defendias foram integralmente recebidos por nós, como herança.

Definitivamente te separaste de nós, e a arma e moxila que deixaste, esses teus instrumentos de trabalho, fazem agora parte da minha carga.

O sangue que deste é uma pequena gota no muito que já demos e temos ainda que dar.

A terra vive dos fertilizantes e quanto mais adubada ela é, melhor a árvore cresce, maior é a sua sombra frondosa, mais saborosos se tornam os frutos.

Do teu pensamento farei a enxada que revolve a terra rica do teu sangue.

E crescerão os frutos novos.

Que a revolução alimente-se do sangue dos melhores que temos, daqueles que mais amamos.

Assim a missão do teu sangue: fazer dele exemplo vivo a ser assumido, mistura-o profundamente à terra criadora, para que ele nunca seja inútil.

A minha alegria é que como patriota e mulher morreste duplamente livre, neste tempo em que cresce o poder novo e a mulher nova.

Nos últimos sofrimentos pedias desculpa aos médicos de não os poderes ajudar.

A maneira como aceitaste o sacrifício é uma fonte inesgotável de inspiração e coragem.

Quando um camarada assume tão intensamente os novos valores, ele ganha o nosso coração, torna-se nossa bandeira.

Por isso, mais que esposa, foste irmã, camarada, companheira de armas.

Como chorar um companheiro de armas, senão empunhando a arma caída e prosseguindo o combate.

As minhas lágrimas nasceram na mesma fonte em que nasceu o nosso amor, a nossa vontade e vida revolucionárias.

Por isso as lágrimas são determinação e juramento de combate.

As flores que caem da árvore vêm preparar a terra para que novas e mais belas flores cresçam na estação seguinte.

A tua vida continua nos continuadores da Revolução.

*Samora Molsês Machel*

*7 de Maio de 1971*

## A QUARTA FRENTE

O colonialismo português está a ser atacado não só nos nossos países mas também na sua própria sede, em Portugal mesmo. Além das frentes de Moçambique, Angola e Guiné, uma quarta frente anti-colonialista foi estabelecida em Portugal. Essa quarta frente é representada por uma Organização Portuguesa chamada Acção Revolucionária Armada (A.R.A.). Nos comunicados que tem emitido, a A.R.A. declara que o seu objectivo é a destruição da máquina militar Portuguesa, que torna possível a agressão de Portugal contra os povos Africanos. O método utilizado é acção violenta, tendo-se convencido de que a acção pacífica não tem qualquer efeito sobre o governo colonial-fascista português, a A.R.A. resolveu passar à fase da violência revolucionária. Grandes sucessos foram já alcançados: 2 barcos que transportam tropas para as colónias — o Cúene e o Niassa, foram sabotados no porto de Lisboa; a sede da Pide (chamada agora DGS), e uma instituição imperialista americana foram parcialmente destruídas com bombas; 16 helicópteros e três aviões de treino foram também completamente destruídos com bombas-relógio na maior base aérea Portuguesa em Tancos; mais recentemente, uma acção importante de sabotagem cortou as comunicações de Portugal com o resto do mundo quando a OTAN estava para se reunir em Lisboa.

Estas acções, inspiradas por um princípio e sentimento anti-colonialista, honram e dignificam o povo português, e concretizam a solidariedade natural existente entre os povos das colónias e o povo Português, ambos eles sujeitos à opressão e exploração do capitalismo português.

## JORNALISTA TANZANIANO EM MOÇAMBIQUE



No passado mês de Maio um jornalista tanzaniano, sr Ferdinand Ruhinda, um dos Editores do jornal «Nationalist», esteve em Moçambique, convidado pela FRELIMO.

Com base naquilo que ele viu e viveu nas nossas regiões, o sr. Ruhinda escreveu uma série de artigos

que foram publicados neste jornal. Transcrevemos alguns passagens dos seus artigos:

«Muita gente pergunta se a FRELIMO tem apoio do povo Moçambicano. Mas segundo a minha experiência em Moçambique esse problema não se põe. A questão de apoio do povo não se põe, porque *toda a gente* está envolvida na guerra. A FRELIMO já não tem de mobilizar o povo para a luta de libertação — todos compreendem essa necessidade. O que se discute agora nas reuniões públicas é *como desenvolver a luta*.

«Os portugueses sabem que a FRELIMO tem muitas bases militares, mas não conseguem localizá-las. As bombas que eles lançam dos seus aviões caem sobre alvos imaginários. O que eu vi em Moçambique, com a FRELIMO, confirma a certeza da vitória final do povo Moçambicano».